

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 08

Acadêmico
MOISÉS MENDES MARTINS JUNIOR
DISCURSO DE POSSE

“ Um povo que no rebuscar do seu processo histórico encontra motivações para homenagear seus filhos, é um povo que não morre, mas que vive eternamente plasmado qual cicatriz tenaz, nos gametas da hereditariedade, nos gens dos seus D.N.As e banha-se nos líquidos salutareos dos seus ácidos desoxiribo nucléicos. ”

Senhor PresidenteSenhores Acadêmicos

Se a honra transborda, a emoção promove burburinho nesta alma que tem sabido esperar o momento certo da colheita dos frutos sazoados das árvores frutíferas, que na esperança sempre as plantou.

A minha presença nesta colenda Casa Barão de Melgaço, ocupando uma cadeira, não fôra previsível, haja vista que, acostumado aos ambientes simples e a poucas honorarias, nunca pude pensar que um dia o Homen menino, filho, de um motorista e uma professora auxiliar de enfermagem, viesse a galgar o gáudio deste ágape dos Deuses, onde o espírito se amalgama e burila-se na enlevação e elevação, onde somente os privilegiados adentram.

Solar daqueles que intrinsecamete possuem a luz, o desejo de perscrutar, burilar, esculpir na ortoepia da palavra ou na heráldica da escrita, qual Phanteon dos Deuses da beleza da cultura, a força da sua História, o culto a seus símbolos pátrios, a imortalidade da sua língua. Privilegiados, também, aqueles convidados para este salutar ágape da cultura

Há pois, entretanto, que sair-se do estado sinestésico do mentevismo e de expectação, acordando-se para o chamamento da “praxis” da prática, que constroe sob a égide da filosofia, que edifica.

Há pois que lançar mão do maior intrumento à disposição, qual seja, a genuflexão ante o altar da sapiência, enebriando-se do incenso das turbulos que, em espargindo seus odores, penetram alma adentro, qual lavagem da pureza, na pressuposição da possível divindade que só a cultura propicia. Há que se elevar nos vôos altíssimos qual condores que rasgam o infinito, para os mergulhos vertiginosos em busca dos alimentos, visto que somente dos píncaros da altura conseguem visualizar os mesmos.

De maneira similar, o Acadêmico há que elevar-se para poder descobrir e pinçar o maior e melhor nutriente para sua alma, o néctar da cultura. Há que se comprometer com a comunidade, como artesão da palavra, caminhos sonoros dos conceitos vivos; guardião da justiça para a preservação da liberdade; guerreiro imbatível transformando a pena numa lança como a do Paiaguá, contra os inimigos construtores das masmorras.

Há que sair-se dos sarcófagos que engessam e aprisionam, buscando um espaço, transformando-se no jovem com a performance e perfil traçados pelo General Mac Arthur: “A juventude não é um período de vida, ela é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade de imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor ao conforto”.

“Não é por vivermos um certo número de anos que envelhecemos; envelhecemos porque abandonamos o nosso ideal. Os anos enrugam a face; renunciar ao ideal enruga a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores e os desesperos são os inimigos que lentamente nos inclinam para a terra e nos tornam pó antes da morte.

“Jovem é aquele que se admira, que se maravilha e pergunta, como a criança insaciável: e depois? Que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida. És tão jovem quanto a tua fé, tão velho quanto a tua descrença, tão jovem quanto a tua desconfiança em ti e tua esperança, tão velho quanto o teu desânimo. Serás jovem enquanto conservares receptivo ao que é belo, bom e grande. Receptivo às mensagens da natureza, do homem, do infinito.

“E se um dia teu coração for atacado pelo pessimismo e corroído pelo cinismo, que Deus então se compadeça de tua alma de velho”.

Eis minha visão cósmica deste Silogeu!

A nobilitante inteligência do Presidente desta colenda Casa, o confrade Clóvis de Mello, sugeriu a data do Bicentenário da Independência, o dia do Protomártir da Independência, Joaquim José da Silva Xavier - Tiradentes, como forma de homenagear não só o Acadêmico que vos fala, como, principalmente, a Classe de Cirurgiões Dentistas, que também têm como maior, a figura impoluta de TIRADENTES. Que força indômita o propulsionava, como catapulta cívica? Que amor acendrado à pátria, a qual assistia vilipendiada e hediondamente tripudiada pelas forças coercitivas das oligarquias da Corte? Que insatisfação o motivou a deixar a profissão, enveredando-se no labirinto da Creta, ávido de matar o Minotauro, representado pelos déspotas? Mas esqueceste, imortal "Tiradentes", olvidastes, colega de profissão, o cordão orientador que possibilitava o vosso retorno após o embate? Ou foste consciente da fatídica missão? Acredito mais na segunda alternativa!

Ensinai-me, Protomártir e paladino da liberdade, a guardar no recôndito da minha alma esse seu divino amor à PÁTRIA! Mostrai-me como adquirir e preservar essa coragem cívica exarada na insígnia do "Libertas quae sera tamen" e suportar as dores físicas e atrozes dores do sofrimento moral nas Lampadas da Vida; e a ignomínia de um gólgota sem cruz!?

Declinai-me o "Vade Mecum" que transformou-se no vosso Salmo diário de resistência. Perdoai-nos, querido paladino da liberdade desta Pátria, ainda agrilhoada, desculpai-nos, guardião arauto da moralidade cívica, pois o látego - o chicote apenas mudou de braço e a coroa de dono, os Joaquins Silvérios dos Reis pululam ainda nesta pátria, como pústulas necrosantes e fétidas a contaminar o organismo nacional

Ensinai-me a coser e remover as nódoas que impregnam o nosso Pavilhão auri-verde, que insiste em drapejar, para nunca "servir a um povo de mortalha", no dizer do poeta condoreiro Castro Alves. Teria sido inútil vosso sacrifício, mártir no holocausto da Pátria?

Querido Protomártir na Independência!. Vosso grito do "LIBERTAS QUAE SERA TAMEN" ainda ressoa pelos campos das Gerais e todo o território nacional; explode no grito silente do seu Povo, ávido do Direito da cidadania; nas faces esqueléticas dos menores de rua, sem educação, doentes e com fome; ressoa ainda pelos varandões da Pátria, contra a corrupção dos néscios e dos malversadores do erário público; ressoa por fim no eco das injustiças sociais que cassam as cidadanias dos jovens, dos aposentados e de tantos que sofrem pela omissão ou dolo da própria Justiça, que, mexendo com os meus brios, levou-me a aprisionar na grafia os conceitos-sínteses nos dizeres deste meu poema JUSTIÇA:

Pressuposta sensora dos Seres,
uma mulher de olhos vendados a simbolizar,
de um lado a balança e dizeres,
de outro a espada a despedaçar.

Ávida e peremptoriamente por todos buscada,
encontrada por alguns, outros a perseguir,
qual palha solta ao vento levada,
qual vento forte que sopra sem demolir.

Não sabemos se assim és; por natureza, por sua essência, enfim ou porque,
ou se os Homens que a manuseiam com destreza,
aviltando, procrastinando, adulteram-te.

Se és assim bela Justiça,
como no retro referido, tu te conjectura,
se és assim virtuosa Justiça,
melhor seria. desvendar-te, deixar cair a balança
e quebrar a espada da tua armadura.

Mas sabemos que divina tu, Justiça, és,
o erro está naqueles que te aplicam,
em que pese, togas negras cabeleiras brancas sob a tez,
em que pese a aparência séria dos que em ti militam.

Nossa esperança ainda persiste.
sabemos que um resquício de amor à Justiça,
na coragem e tenacidade se encontra, daqueles que
mesmo fazendo Justiça, recebem crítica, recebem afronta.

E ao escrever este poema sobre a Justiça, evoco os dizeres do eminente jurista Miguel Reale: "que não me exijam outra linguagem se não a de jurista, quando me dirijo a juristas".

A nossa alternativa, Protomártir da Independência, perdura no vislumbra do porvir, apesar da profecia vaticinada pelo grande Águia de Haia, Rui Barbosa: "de tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer as injustiças, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o Homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto". Mas ... enquanto houver abnegados patriotas, dispostos a lutar para: "Não arrancarem os teus pendões dos ares nem fecharem as portas dos teus mares", esta Pátria renovar-se-á sempre dos escombros e rescaldos impostos pelos traidores da res-pública (coisa pública).

"Só esta liberdade nos concedem nos Deuses: submetendo-nos ao seu domínio por vontade nossa. Mais vale assim fazermos porque só na Liberdade a Liberdade existe". (Fernando Pessoa).

O PATRONO DA CADEIRA Nº 08

Luiz d'Alincourt. (1707). Ninguém soube retratar com tanta maestria a figura impoluta do militar-cientista Luiz D'Alincourt como Antônio Fernandes de Souza, o primeiro ocupante da cadeira nº 08, através da sua obra literária **Elogio a Luiz D'Alincourt**.

Esta obra representa o grito altissonante de verdadeiro amor a Mato Grosso e ao Brasil.

Os anais desta egrégia Academia de Letras, através da **Revista do Centro Mato-grossense de Letras**, aprisionam com algemas de ouro a rica peça literária elaborada por Antônio Fernandez de Souza intitulada "Elogio a Luiz D'Alincourt", onde o perfil, as características e os feitos do Patrono da Cadeira nº 08 são exaltados.

O contar narrativo da inédita peça literária tem o cantarolado mesclado de ciência, poesia e heroísmo, que penetram profundamente a alma de quem a lê. Enebria-se ao penetrar no âmago da literatura pura, com o português castiço colonial, onde o **e** era com **h**, o **comemorar** com dois emes, Cuiabá com ípsilon e Mato Grosso com dois tês.

Referindo-se ao Patrono da Cadeira nº 08, Luiz D'Alincourt, assim se expressa Antônio Fernandez de Souza: "a história, luz da verdade e mestra da vida, no-lo aponta como um dos mais dignos de nossa gratidão, pelo muito que fez para o bem do Estado de Mato Grosso".

Luiz D'Alincourt teve por berço Portugal, jardim da Europa à beria-mar plantado, na suave expressão dos maiores poetas lusitanos.

Nasceu na Vila de Oeiras, distrito de Lisboa, aos dezessete de fevereiro de 1787, perto de famosa quinta de Pombal, onde residia o poderoso Ministro de D. José I, Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras, depois Marquês de Pombal.

Abraçou carreira das armas, transportando-se muito jovem para o Brasil, desenvolveu seus estudos na Academia Militar do Rio de Janeiro e, por outro lado, nas comissões importantes que desempenhara na Bahia, em Mato Grosso, em Pernambuco e Espírito Santo.

Como se vê, o espírito irrequieto de Luiz D'Alincourt é denunciado através das suas andanças.

Com doze anos alistou-se na Brigada Real, aos 16 de julho de 1799. Promovido a cabo-de-esquadra em 10 de abril de 1801, em 11 de julho de 1809 fora recebido como adido ao Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro.

Passou a Primeiro Tenente por decreto de 13 de maio de 1810. Após participar de comissões na cidade da Bahia e em Pernambuco, regressou ao Rio de Janeiro. Foi promovido a Capitão graduado de Engenheiros por decreto 06 de fevereiro de 1818, sendo efetivado neste cargo a 31 de março do mesmo ano.

Visitou a Província de Mato Grosso pela primeira vez em 1818, fazendo a extensa travessia do Porto de Santos à cidade de Cuiabá em companhia do Governador, Tenente General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, depois Barão de Vila-Bela, que tomou posse do seu elevado cargo 06 de janeiro de 1819.

Nesta ocasião, a Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá foi elevada à categoria de cidade, por carta regimental de 17 de setembro de 1818, passando por alvará de D. João VI, de 1820, a ser a cidade de Cuiabá, capital da Província, levando-se em consideração a insalubridade de Vila Bela.

Cuiabá, no dizer de D. Luiz D'Alincourt, era um primoroso Eden. No seu relato, a população da cidade e o porto geral era de 3.918 almas. A sensibilidade do Patrono da Cadeira nº 08, Luiz D'Alincourt, induzia-o a dizer: "os cuiabanos são geralmente polidos,

sensíveis, afáveis, generosos, de boa estatura e robustos, gentis, amigos do bem fazer, fervorosos apaixonados do governo monárquico constitucional, amantes da sagrada pessoa do Imperador". Impressionavam-lhe os dotes culturais dos cuiabanos, achando que muitos deles foram adquiridos fora do País.

A respeito das artes, confessa Luiz D'Alincourt que "é com efeito assaz medíocre e em toda província existia apenas um piano forte e ninguém que pudesse tocá-lo".

Noutro ponto, observa Luiz D'Alincourt de coração aberto que "os habitantes desta província são dotados de boa moral, caritativos e tratáveis. As festas são cheias de pompas, principalmente em Cuiabá, que a população é mais opulenta: no palácio do Presidente da Província, onde é costume haver baile, praticando-se com garbo a contra-dança, ril, gavota, minuete afandangado etc. O jogo é um dos principais entretenimentos". Luiz D'Alincourt participou do processo político da Província, ocupando o cargo de Secretário, sob a Presidência de D. Luiz de Castro Pereira, bispo e prelado de Cuiabá, após a deposição do governador Magessi. E nesta remota região do País, Luiz D'Alincourt colaborou para que se propiciasse na Nação o grito da Independência no memorável 7 de setembro de 1822.

Promovido a Major em março de 1823, Luiz D'Alincourt retorna a Mato Grosso, efetuando minucioso questionário sobre a estatística geral do Brasil, demorando aqui seis longos anos

Perlustrou os sertões mato-grossenses desde os campos de Camapuã até as ribanxeiras do Guaporé. Observou as enchentes do Paraguai e os pântanos do baixo São Lourenço.

Voltando ao Rio de Janeiro, apresentou o major Luiz D'Alincourt o resultado de suas pacientes indagações ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios de Guerra, Conde do Rio Pardo, encontrando-se nos anais da Biblioteca Nacional sob o título: "Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas da província de Mato Grosso".

Dividido em duas sessões, tratando a primeira de estatística geográfica e natural e a segunda da estatística civil e política.

Neste momento em que se discute a navegabilidade do Rio Paraguai, nada mais prudente que aurir os ensinamentos de Luiz D'Alincourt.

Tratando dos meios de comunicação, Luiz D'Alincourt já vislumbrava a ocupação das imensas terras banhadas pelos rios Taquari e São Lourenço, propícias para a criação de gado vacum e cavalar.

O tirocínio do administrador científico !

O entusiasmo e verdadeira admiração de Luiz D'Alincourt pelas riquezas naturais do nosso opulento País, traduziam-se nas suas palavras quando exclamava: "Não posso deixar de lastimar o quão pouco temos aproveitado dos meios naturais com que a natureza mimoseou o Brasil para fazê-lo grande e independente em tudo". Visão do verdadeiro cientista patriota !

Como militar experiente, exortava o preparo das forças militares para a preservação da soberania Nacional, tantas vezes ameaçada na época do Império, principalmente na fronteira Oeste, onde a ameaça dos espanhóis frente ao tratado de Tordesilhas era eminente, sendo que no governo de D. Antônio Rolim De Moura e no de João Pedro da Câmara esta hostilidade se fez presente, sendo rechaçada pela nossa gente, bem como o ataque ao Forte Coimbra no ano de 1801 pelas forças espanholas sob o comando de D. Lázaro de Ribera, governador do Paraguai, repudiado pela bravura do benemérito Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, cognominado o Leverger dos tempos coloniais.

Pela larga experiência militar e sabedor da débil vigilância das fronteiras, Luiz D'Alincourt fez previsão sobre a guerra do Paraguai e assim dizia: "É um axioma, a Nação que quiser ser respeitada e permanecer em paz sem praticar servis sacrifícios, prepara-se bem para a guerra durante a mesma paz".

O grito de alerta do paldino da paz, conhecedor do Ser Humano,

"que a fronteira do Paraguai se conserve sempre em estado de impor-se aos vizinhos", ecoou nos cerrados de Mato Grosso!

Tivesse o País atendido às ponderações expendidas por Luiz D'Alincourt e ter-se-ia deste modo evitado o massacre e o êxodo das populações do Sul, o abandono de Coimbra, o sacrifício de Corumbá e a perda de tantas vidas, fazendo custar ao inimigo, a pretensão de querer tomar Cuiabá, que não só teve idêntico fim, devido a antemural oposta aos brios nacionais pelos cuiabanos comandados por Leverger, na colina histórica de Melgaço.

Os notáveis trabalhos de Luiz D'Alincourt: "Documentos sobre o Rio Doce"; "Ofício sobre a parte meridional de Mato Grosso"; "Resumo das explorações desde o registro de Camapuã até a cidade de Cuiabá"; "Paraguai e Diamantino"; "Reflexões sobre o sistema

de defesa militar na fronteira do Paraguai"; "Ofício sobre a estatística, defesa, administração da Província de Mato Grosso oferecido ao Exmo. Sr. José Bonifácio de Andrada e Silva (1823)"; "Trabalhos relativos a Espírito Santo e Bahia."

Depois deste relato histórico que nos propiciou Antônio Fernandez de Souza, desnecessário se faz dizer a honra e orgulho salutar de ocupar a Cadeira nº 08, cujo Patrono é uma instituição de cultura, instituição esta na qual mergulhei para emergir e espargir a trajetória deste luso-brasileiro-cuiabano.

O primeiro ocupante da Cadeira nº08 fora o imortal Antônio Fernandez de Souza. Contador emérito, funcionário da Fazenda Estadual, nascido em Cuiabá a 15 de janeiro de 1879. Filho de Sabino de Souza e D.Maria Inocência de Souza. Membro fundador do Instituto Histórico de Mato Grosso, jornalista colaborador assíduo da imprensa local, sobretudo no jornal "Mato Grosso" e na revista "O Arquivo", da qual fora fundador.

Publicou as seguintes obras literárias: "A invasão paraguaia em Mato-Grosso" e "Elogio a Luiz D'Alincourt".

O segundo ocupante desta Cadeira nº08, fora o humanitário médico Luis Sabóia Ribeiro. Nascido no Ceará, em Fortaleza, a 23 de outubro de 1906, faleceu no Rio de Janeiro. Durante muitos anos exerceu a sua nobre profissão nos longínquos garimpos do leste mato-grossense, emprestando o seu auxílio, como médico caridoso que era, aos menos favorecidos. Exerceu ainda a medicina em Cuiabá, sendo estimado e respeitado no âmbito da sociedade.

Escreveu "Caçadores de Diamante", livro de 270 páginas, lançado em 1959 e que se encontra na 2ª edição. O livro é um vasto repositório de pesquisa histórica dos garimpos mato-grossenses, abordando o aspecto social, antropológico e político-cultural dos bandeirantes do diamante. Deixou viúva D.Ana Sabóia Ribeiro e uma prole de seis filhos: Irani Sabóia Paes de Barros; Dr. Luis Felipe Sabóia Ribeiro; Bernadete Sabóia Ribeiro; Beatriz Meira Sabóia Ribeiro; Kátia Luzia Meira Sabóia Ribeiro e Marcos Meira Sabóia Ribeiro, poemas maiores do saudoso imortal.

O meu antecessor imediato na Cadeira nº08 foi Antônio Lopes Lins. Nasceu no Ceará, em 08 de junho de 1912 e faleceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em 05 de setembro de 1990. Primo do famoso escritor José Lins do Rêgo. Exerceu com maestria o jornalismo e a publicidade, foi chefe do Serviço de Publicidade da Secretaria de Agricultura. Diplomou-se pelas Faculdades do Comércio e de Ciências Econômicas e, ainda, diplomou-se em Odontologia.

Em 1970 elegeu-se deputado estadual em Mato Grosso.

Foi na tribuna da egrégia Assembléia Legislativa, a qual transformara em cátedra cívica, que trabalhou intensamente em prol do povo. Professor de Geografia, História e Economia na Faculdade do Mato Grosso do Sul. Poeta, conferencista da Escola Superior de Guerra. Escritor brilhante, immortalizando-se com as obras literárias "Incesto"; Caminhos de lama"; "O velho maquinista"; "Janina"; "A canção do minuano"; "Eduardo Olímpio Machado"; "Crônicas dos tempos"; "Sinais de Ramaiana"; "Celestina"; "Histórias proibidas" e "Antescências".

Deixou numerosa prole de oito filhos e a viúva D.Maria José Lins.

Antônio Lopes Lins era membro fundador da Academia Sul Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Ele não morreu, a morte física apenas o immortalizou, através das suas obras.

Minha alma se regozija ao ser recepcionado neste silogeu pelo médico acadêmico, titular de inúmeros lauréis, tanto a nível regional quanto a nível nacional. Um dos poucos médicos de Mato Grosso a receber a Ordem do Mérito Nacional. Secretário de Estado, por duas vezes, sendo entretanto, sua maior titulação aquela outorgada pelo seu povo, advinda do seu prodígio no ato de curar, como cirurgião.

Sensibilidade à flor da pele, própria dos que muito tiveram e vieram a perder, mas recuperaram-se na arena da vida por meios próprios.

Ser recebido por figura tão ilustre, aureola e completa plenamente o meu adentramento neste colendo sodalício.

Ilustre confrade Clóvis Pitaluga de Moura, não me conheces tanto quanto eu o conheço na sua celebridade, ostracionada na sua humildade e autenticidade, sem serventilismo, que poder-se-ia perquerir: "o que seria da pérola se nos assustasse a forma grotesca da ostra?".

Seu porte de caráter, sua inteligência revestida de humildade, seu amor à natureza extravasado no movimento ecológico e das raças indígenas e no somatório maior, informações que nos foram passadas pela auxiliar de enfermagem Noêmia Martins, a minha genitora, no exercício humanitário da sua função como médico, estas informações somadas a outros lauréis de caráter que possuí, induziram-me a usufruir do direito a mim outorgado

pela Presidência, quanto à escolha do acadêmico que faria a minha recepção neste areópago do saber.

Confesso-vos que não fora fácil, ante tantas celebridades que pululam neste sodalício, fora como retirar de um "sapiquá" de diamantes o mais puro dos puros.

As palavras de exortação, que tive a ventura de ouvir do nobre confrade, são muito mais fruto da sua elevada benevolência, esculpida na planura da sua autenticidade.

Sou ciente do sacrifício físico que por momento passas, ilustre Dr. Clóvis Pitaluga de Moura. Entretanto, pela têmpera do aço do seu novel espírito, poder-se-ia indagar: seria dado ao luxo esta linhagem rara de Homem, curvar-se ante o sofrimento físico, quando dentro de si explode o gigantismo do seu caráter e a força hercúlea do seu espírito?.

Ao que eu responderia: "Vini. Vidi. Veci.", vim, vi, e venci, jamais prescindiríamos da sua augusta participação!

O Homem, este eterno desconhecido, capaz de suplantar os umbrais das dores, promoveu no recôndito do meu Ser, a seguinte introspecção:

"Possuimos o infinito dentro de nós.
qual laboratório produzindo veloz,
sinfonias de cores, odores e calor,
tempestades de ódio e bonanças de amor.

Místico do Demônio e do Divino,
viajor de guerra, atalaia da paz,
habitando a Terra, mas em busca indo,
de outros mundos, galáxias, estrela fugaz".

(Fragmentos)

Senhoras e Senhores Acadêmicos, diletos convidados:

Permito-me convidar-vos a tomarem a garupa da minha montaria e partirmos para as andanças da vida, ouvindo as clarinadas de ensinamentos do filósofo Hesíodo: "ótimo é aquele que de si mesmo comhece todas as coisas".

Nasci em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Rua Maracaju, em plena década de guerra, quando o "Enolagay" vomitava suas bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Nagasaki e Hiroshima. Vim para Cuiabá em tenra idade, e daqui jamais saí, a não ser para minha formação cultural e profissional.

Meu pai, um humilde motorista, e minha mãe, uma professora, que depois formou-se em auxiliar de enfermagem.

Fui alfabetizado com cinco anos, tendo como mestra primeira a minha querida mãe. Comecei meu estudo primário na escola de primeiro grau do Bairro do Bosque, transferindo-me em seguida para a Escola Barão de Melgaço, onde concluí o **primário e admissão** ao ginásio. Recebi aulas de religião do jovem pároco da Igreja Boa Morte, Frei Quirino. Tive como mestras, professoras Diva Hugueney; Miloca; Adalgisa; Amélia Vieira (professora Miluca); Antônia Tita Maciel de Campos; Yone Monteiro; Regina Miranda.

A minha formação ginásial se dera no Ginásio Brasil, sendo colega do novel acadêmico Ronaldo de Castro, entre tantos outros.

Verdadeira constelação de Mestres, formaram o meu caráter e moldaram a minha personalidade cultural, tentando os mesmos adestrarem-me ao contato do buril, no dizer de Olavo Bilac.

Cesário Neto, Célia Nunes de Barros, João Crisóstomo, Benedito Figueiredo, Gastão Müller, Leda Thomem, Enzo Ricci, Flores de Lima, professora Yara, Maria Pomot, Demétrio de Souza, João Bem Dias de Moura, Domingos Sávio Brandão de Lima.

Tempos dourados, linha limítrofe entre o querer, o poder e a frustração.

O velho livro do Professor Cesário Neto e Célia Nunes de Barros. "Trechos Seleccionados", transformou-se no meu livro predileto, ensinando-me as próclises, ênclises e mesóclises, a redação, a estilística, a análise léxica e sintática, a posposição do verbo nas orações gerundiais. Enfim, a literatura, forjava seu ninho para o acasalameto futuro.

O colegial ou científico da época, fizera no Colégio Estadual de Mato Grosso, antigo Liceu Cuiabano.

Novamente uma pléiade de ilustrados mestres poliram o meu caráter e deram importantes retoques na minha personalidade, plasmaram-me o acendrado amor à Pátria, lavando-me como os viajores se lavavam no Tanque de Siloé, embebedando-me no ensino puro, através das aulas magistrais de Francisval de Brito, Moacir Gratidiano Dorilêo, Paulo Vilá, Enzo Ricci e professora Aída Siqueira, e vejam os Senhores, que era uma escola pública, com excelente qualificação de ensino, que proporcionou-me adentrar na Univer-

sidade Federal de Goiás, com uma honrosa quarta colocação, num Universo de quatrocentos e oitenta candidatos, sem frequentar cursinho, visto que a pobreza econômica não me permitia. Este laurel, dedico aos meus prezados mestres.

Na vossa galopada, ilustres viajores, permitai-me falar-vos da minha primeira Universidade, a Universidade da vida, vivida na universidade das peladas de futebol, onde o hoje respeitado e probo desembargador, coluna mestra do edifício da Justiça, Dr. Benedito Pereira do Nascimento, era goleiro, "frangueiro", mas o era. Dr. Benedito de Almeida (Pererinha), hoje Magnífico Reitor da Universidade Fluminense, médico renomado, era o nosso ponta direita. Colegas de lazer na antiga Praça de Touros, Campo D'Ourique, hoje ocupada pela nossa Assembléia Legislativa. No exercício da brincadeira, quando os meninos brincavam, lá se viam João Barbuino Curvo Neto, José Vieira de Mello, Lucídio de Mello, João Bosco de Almeida e tantos outros distintos colegas, hoje no exercício das mais variadas profissões, prestando relevantes serviços à comunidade.

Na Universidade Federal de Goiás, novamente os mestres, sempre os abnegados mestres não reconhecidos devidamente, que possuem o hálito dos Deuses, embalam os berços, burilam o caráter e dirigem o destino do mundo, lá estavam dando-me os últimos retoques para a viagem da vida.

Aquela altura, a literatura, os poemas, as poesias, a oratória, oxigenavam o meu Ser, impregnando-o, levando-me a disputar e ganhar o exercício da oratória, para orador oficial da Universidade Federal de Goiás no ano de 1962, deixando "comendo poeira" na galopada da oratória sete acadêmicos de Direito e dois de Medicina. Conquistei o exercício da oratória naquele ano!

Nesta época dei os primeiros passos nos caminhos límpidos, lépidos e belos dos sonhos da ação poética:

"Galopei no dorso do tempo andarilho,
entre as brisas, roçando as folhagens,
ferindo-me com os espinhos da Rosa perfumada e bem vestida,
sujando-me com o humo. acre. maltrapilho.

Na galopada, muitas das vezes quase cai,
segurando-me nas crinas da esperança,
chibatando com os talos dos Lírios,
sugando o vento qual Colibri"

(Fragmentos)

Formado em Odontologia, retornei a Cuiabá. Como os elefantes sempre retornam à trilha. Novamente a pobreza econômica impedia-me de iniciar minha carreira profissional, começando praticamente minhas funções de luta pela subsistência como professor de **Noções de Física e Química na Escola Normal Pedro Celestino, lecionando ainda no Colégio Evangélico de Buriti, vindo a ser Presidente do Conselho Deliberativo deste mesmo colégio.**

No exercício profissional fora Presidente do Conselho Regional de Odontologia, diretor do Departamento Científico da Associação Brasileira de Odontologia, seção de Mato Grosso. Pós-graduado em Ortopedia Funcional dos Maxilares (Buenos Aires-Argentina) e, ainda, em Saúde Pública e Administração dos Serviços de Saúde Pública, estando atualmente prestando serviços como professor na nossa Universidade Federal de Mato Grosso, na área de Saúde Coletiva.

O tempo urge e nossa montaria já começa a estropiar.

Adentrei o antro putrefato dos escombros políticos, verdadeira andança tétrica!

Não calcei as luvas protetoras para operar aquele organismo mórbido e, não fora a proteção Divina, poderia ter-me contaminado e, como maior sintoma de que não me contaminei, fora o exemplo cívico que dera em não aceitando a ingnomínia do mandato biônico, que retirava dos patriotas o direito sacrossanto do voto livre, democrático e soberano.

Nunca vi tanta putrefração de caráter, tanta miséria e mesquinha em busca do poder pelo poder, como no processo político. Matam, roubam, aviltam, indignificam, urdem tramas nos porões da democracia, preterem os sábios e exaltam os néscios. Guindam ao poder os despreparados, implantam oligarquias em nome do povo, amordaçam a boca dos arautos da liberdade, constroem patibulos, onde enforcam a Nação nas Lampadas da vida.

Ponto final da nossa galopada, espero não ser traído por este coração remendado, pois vou falar da minha família.

Aqui está o velho pai, minha mãe já se fora para os páramos celestiais e na sua perda tentei esconder-me nos parêntesis das orações, sob o til de uma palavra, no albergue da ação poética e no estertor da dor, escrevi:

Que audácia do poeta,
querer extravasar, através da semântica das palavras,
o amor de mãe!
Que estultice do poeta,
querer, nas premissas dos conceitos,
dizer realmente sobre o amor de mãe!
Que loucura do poeta,
querer aprisionar, nas dobras das linhas do Universo,
o amor de mãe!
Que desespero do poeta,
querer exprimir numa gota de lágrima, que da face sofrida rola.

o amor de mãe
Que petulância do poeta,
compor com notas musicais o amor de mãe!
Há que ser Divino,
para roubar as palavras dos anjos,
há que ser ungido para conceituar,
há que ser paradisiaco,
para saber sofrer,
há que ser querubim,
para compor,
na alegria que teve,
na tristeza de perder,
na esperança da dor,
na expressão mais pura, a indentificar a mãe,
dom de Deus, expressão cósmica do amor!
(Dimensões - a ser publicado).

A honradez do meu pai, a fibra da minha mãe e a ternura da minha esposa e filhos me bastam. Louvores à minha esposa Maria Capistrano Martins, companheira, de todo momento, graças por nossos filhos, o economista Eber Luis Capistrano Martins, Ellen Regina Capistrano Martins, artista por natureza e acadêmica de engenharia civil, Eli Esteves Capistrano Martins, universitário em potencial, raspa tacho do resumo sumo do meu DNA. Meus agradecimentos aos parentes e a todos os convidados que me honram nesta noite de gala.

Permitai-me, Senhoras e Senhores acadêmicos, tomar assento na cadeira nº 08 desta casa de Dom Aquino, de Augusto Leverger e Barnabé de Mesquita, ombrear convosco a alta responsabilidade de guardiães da nossa cultura, de guerreiros da nossa paz e de paladinos da nossa história!

EBENEZÉR, que em hebraico quer dizer:
"Até aqui nos ajudou o Senhor"

Muito Obrigado

Cuiabá, 21 de abril de 1.992.

MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR

Revista da Academia Matogrossense de Letras

3000

NOVA SÉRIE - Nº 1
(1991-1992)



CLOVIS DE MELLO

JOÃO ALBERTO N.G. MONTEIRO



JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA

* Centenário do
nascimento de
JOSÉ DE MESQUITA

* Posse dos novos
acadêmicos



SATYRO B. DE OLIVEIRA

MOISÉS M. MARTINS JR.



RONALDO DE ARRUDA CASTRO



1991/1992

38